



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/ile/article/view/6751>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2024 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# “UM FRATRICÍDIO”, DE FRANZ KAFKA: ALGUMAS INTERPRETAÇÕES DECORRENTES DE DIFERENTES TRADUÇÕES

Izabella PESSATO

Lai Netto OTSUKA

Mariana Lins WOLMER

Orientadora: Profa. Dra. Érica Luciene Alves de Lima

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise de duas traduções para o português do conto “Um Fratricídio” (1917), de Franz Kafka, por Modesto Carone (Kafka, 1990) e Flávio Moreira da Costa (Kafka, 2002). A partir da comparação com o original, em alemão, e com a tradução em inglês de Willa e Edwin Muir (Kafka, 1948), objetiva-se elucidar variações na interpretação da narrativa, motivadas pelas diferenças entre as escolhas das traduções, considerando principalmente que cada texto em português possui um desfecho distinto. Para tal, são mobilizados os conceitos da teoria hermenêutica de Friedrich Schleiermacher (1813/2007), notadamente a ideia de interpretação por meio do conhecimento da vida e obra do autor e as possibilidades do tradutor de aproximar leitor e autor; e as teorias de tradução de Paul Ricoeur (2011), que abordam a inexistência de uma tradução ideal e a necessidade da comparação crítica entre as opções do tradutor.

**Palavras-chave:** hermenêutica; interpretação; comparação de traduções; Franz Kafka.

## INTRODUÇÃO

A tradução é uma atividade imprescindível para o acesso à literatura em diferentes línguas, e a escolha por uma ou outra tradução pode ser definitiva para a interpretação que o leitor desenvolve acerca de um texto ou de um autor. Com isso em mente, o presente artigo pretende apresentar uma análise comparativa de duas das traduções para o português brasileiro do conto “Um fraticídio”, de Franz Kafka, originalmente escrito em alemão e publicado em 1919. Uma das traduções, que foi ao público pela primeira vez em 1990, é de autoria de Modesto Carone. A outra, publicada em 2002, foi feita por Flávio Moreira da Costa.

A partir da comparação entre as duas traduções, levando em consideração o texto original de Kafka, em alemão, e também uma das traduções mais conhecidas do conto para o inglês, a de 1948 publicada por Willa e Edwin Muir, busca-se destrinchar as nuances de interpretação ocasionadas pelas diferenças entre os dois textos, de Carone e de Costa. Entre essas divergências, a mais perceptível se encontra no desfecho do conto, no qual os acontecimentos são diretamente opostos entre as duas traduções para o português.

Assim, pretende-se investigar e levantar hipóteses para a explicação dos elementos que as diferenciam, desde variações menores até o que se considera uma grande discrepância, levando em consideração os possíveis efeitos causados por essas escolhas tradutórias na interpretação dos leitores.

Para tal exercício, será mobilizado o procedimento hermenêutico postulado por Friedrich Schleiermacher (1813/2007), que considerava necessário conhecer os aspectos pessoais e referentes ao contexto sócio-cultural de um autor para compreender sua obra, a ser aplicado também aos tradutores de forma a elucidar as possíveis motivações de suas escolhas. Será, ademais, utilizada a teoria de Schleiermacher acerca do ato de traduzir e das noções de “levar o leitor ao autor” e “levar o autor ao leitor”, buscando situar as traduções entre tais tendências. Por fim, serão também discutidas as ideias acerca da tradução desenvolvidas por Paul Ricoeur (2011), filósofo do século XX, acerca da inexistência de uma tradução ideal e da simultânea necessidade da comparação entre traduções para que se possa analisá-las.<sup>1</sup> Logo, espera-se oferecer um olhar aguçado sobre as possibilidades e escolhas que envolvem a tradução de um conto como “Um fratricídio”, tendo em vista a importância dessa atividade para que leitores tenham contato com as mais diversas obras literárias ao redor do mundo.

## “UM FRATRICÍDIO”: KAFKA E OS TRADUTORES

Autor de “Um fratricídio”, Franz Kafka (1883-1924) nasceu na cidade de Praga, na região da Boêmia, então parte do Império Austro-Húngaro e atualmente parte da Chéquia. Escrevia em língua alemã e tornou-se conhecido pelos elementos enigmáticos e surreais presentes em sua obra, os quais mobilizava frequentemente para abordar questões ligadas a relações sociais de poder e à burocracia. É mais reconhecido por produções como a novela *A metamorfose*, de 1915, e o romance *O processo*, publicado postumamente em 1925. A obra abordada neste trabalho, “Um fratricídio”, é um conto curto, de cerca de uma a três páginas a depender da edição, publicado em 1919 junto a outros contos do autor na coletânea *Um médico rural*.

“Um fratricídio” é, provavelmente, o conto mais gráfico e realisticamente descritivo da literatura kafkiana (Carone, 2011), que retrata de maneira brutal o assassinato de um homem chamado Wese cometido por seu melhor amigo, Schmar. Narrado como um relato policial, o conto é situado em uma rua deserta à noite, onde Schmar aguarda seu

---

1. O presente artigo tem origem em um trabalho realizado na disciplina de graduação *Interpretação: Teoria e Prática* (LA-303), ministrada pela Profa. Dra. Érica Luciene Alves de Lima no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp durante o primeiro semestre de 2023. Entre os autores que faziam parte da bibliografia da disciplina, estavam Friedrich Schleiermacher e Paul Ricoeur, o que levou à escolha de suas obras como fundamentação teórica para a análise.

amigo retornar do trabalho enquanto está escondido na esquina. No final da rua, a esposa de Wese, Júlia, também aguarda seu marido. Quando soa o sinal que marca o fim do expediente, Wese deixa o escritório, caminhando em direção a seu lar. Entretanto, uma quarta figura observa atentamente toda aquela cena de uma janela do segundo andar da casa dela: Pallas, testemunha ocular. Depois de ser golpeado três vezes com uma faca, Wese cai morto ao chão e Pallas se revela para Schmar. Nesse mesmo instante, Júlia e uma multidão se aproximam da cena do crime, juntamente com alguns policiais. O desfecho do conto, no entanto, poderá se apresentar ao leitor de duas formas, a depender da tradução que está lendo, como será abordado na seção seguinte.

Neste artigo, como já mencionado, serão analisadas e comparadas duas diferentes traduções para o português brasileiro do conto “Um fratricídio”, de Franz Kafka. Além disso, também serão trazidos excertos da tradução em inglês de Muir para fins de cotejo com uma das traduções em português.

A primeira faz parte do livro *Os 100 melhores contos de crime e mistério da Literatura Universal*, de 2002 — uma coletânea organizada pelo escritor Flávio Moreira da Costa. Nascido em janeiro de 1942 em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Costa foi autor de romances e livros de contos como *O país dos ponteiros desenhados* e *Nem todo canário é belga*. Escritor premiado e reconhecido por uma narrativa realista feroz, foi finalista do Prêmio Jabuti e vencedor do Prêmio Machado de Assis de Romance (Flávio..., 2020; Teixeira, 2019). A tradução de “Um fratricídio” presente no livro foi feita pelo próprio organizador, ainda que muitos dos outros contos da coletânea tenham sido traduzidos por outras pessoas.

Ao pesquisar as possíveis origens da tradução de Costa, pode-se observar indícios de que teve alguma influência da versão em inglês de Willa Muir e seu marido Edwin Muir. Datada de meados do século XX, essa tradução é uma das versões mais famosas do conto kafkiano em língua inglesa. Apesar de não ser possível afirmar com certeza se a versão de Costa veio da versão dos Muir, visto que esse fato não está creditado em lugar algum, observam-se várias semelhanças entre as traduções, a serem explicitadas na seção “Análise das traduções”.

A partir dos anos 2000, Flávio Moreira da Costa foi notado no mercado editorial brasileiro como organizador de uma série de antologias de contos em um espectro bastante abrangente, variando de temáticas desde *Os cem melhores contos de crime e mistério da Literatura Universal* até *Os melhores contos bíblicos*. As antologias do autor e tradutor sempre foram bem numerosas: em 3 anos, o escritor chegou a publicar 3 coletâneas com até 100 contos cada; apenas no ano de 2005, o autor publicou três coletâneas de temáticas distintas.

Em investigação acerca da produção antológica de Costa, nota-se que o propósito das coletâneas é reunir uma variedade de textos a partir de um tema predefinido, sendo perceptível que o organizador toma algumas liberdades na curadoria do conteúdo das obras. A título de exemplificação, em uma coletânea de contos de crime e mistério, a obra *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, originalmente um romance extenso, aparece na forma de um recorte: o trecho selecionado é apenas o momento em que Raskólnikov comete os assassinatos (Dostoiévski, 2002).

Dessa maneira, entende-se que as antologias temáticas de Flávio Moreira da Costa possuem um caráter mais voltado ao mercado editorial, em que há uma demanda por antologias extensas de temáticas distintas, sem uma preocupação maior com um autor em específico ou com o estudo aprofundado de sua obra, servindo para o leitor como um método de conhecer diversos autores e histórias diferentes para uma leitura de fruição.

A outra tradução é de Modesto Carone, publicada originalmente em 1990 no livro *Um médico rural*. Nascido em 1937 em Sorocaba, interior de São Paulo, Modesto Carone Netto foi professor, escritor, ensaísta e tradutor, e lecionou literatura nas Universidades de Viena, São Paulo e Campinas. Conhecido por ser um dos maiores especialistas de Franz Kafka, também foi responsável por traduzir toda a obra do escritor diretamente do alemão para o português brasileiro pela primeira vez.

Carone explicita que o trabalho do tradutor deve envolver fidelidade à língua de partida, buscando sempre encontrar equivalências na língua de chegada. O tradutor ainda destaca que apenas compreendeu a existência e a importância dessas equivalências ao traduzir o conto *A Construção*, de Franz Kafka, que o inspirou para continuar a arte da tradução (Accácio e Heiderman, 2005; Pinto, 2019). Além de “Um fratricídio”, o livro *Um médico rural* conta com mais 13 contos de Kafka traduzidos para o português brasileiro também por Modesto Carone.

Sua tradução de “Um fratricídio” foi republicada posteriormente na antologia *Essencial Franz Kafka* (2011), a qual inclui a novela *A metamorfose* e uma série de contos e aforismos do autor, todos traduzidos por Carone. Em tal edição, nota-se explicitamente que o objetivo do tradutor é oferecer um panorama completo de toda a obra kafkiana, selecionando escritos basilares, prefácio detalhado e comentários explicativos no início de cada conto. Dessa forma, tem-se que os livros traduzidos por Carone apresentam uma proposta diferente da coletânea organizada por Costa, sendo aqueles indicados para leitores que consomem Kafka para além de suas obras principais.

## ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

### Análise com base em Friedrich Schleiermacher

O filósofo alemão Friedrich Schleiermacher foi, segundo Hans-Georg Gadamer (2003, p. 255), responsável por “desenvolver uma verdadeira doutrina da arte do compreender, em vez de uma agregação de observações”. Um dos pontos fundamentais de sua obra é a ampliação dos estudos hermenêuticos para além do clássico e do sagrado: o filósofo propõe que a hermenêutica consiste em apreender os fatos linguísticos e históricos relevantes juntamente com a reconstrução imaginativa do texto. Dessa maneira, Schleiermacher diz que não é possível entender um texto por completo sem conhecer tudo que envolve seu autor, desde aspectos pessoais de sua vida até a cultura na qual ele está inserido (Grondin, 2012).

Schleiermacher afirma, ainda, que o processo tradutório também é marcado pelo entrecruzamento da linguagem, da vida do autor e da vida do tradutor, pois “mesmo a tradução de escritos puramente narrativos ou descritivos, que apenas traduz o desenrolar-se de um fato para uma outra língua, pode ainda conter em si muito da atividade do intérprete” (Schleiermacher, 1813/2007, p. 235). Desse modo, é possível mapear aspectos relevantes da biografia de cada um dos tradutores, buscando compreender como as inserções de Flávio Moreira da Costa e Modesto Carone no mundo podem ter interferido em aspectos específicos que culminaram em tantas diferenciações entre as traduções.

Como exemplificação do caráter reconstrutivo da hermenêutica de Schleiermacher, destaca-se um comentário redigido por Modesto Carone no prefácio de “Um fratricídio”:

Além de representar uma variação do tema da alienação e da suspeita entre os seres humanos, codificada pelo mito religioso de Abel e Caim, a história tem outras camadas passíveis de interpretação. *No contexto sócio-histórico da Europa em geral e de Praga em particular, no tempo em que o conto foi escrito, o trecho alude aos morticínios da Primeira Guerra Mundial e aos levantes nacionalistas que estavam abalando a monarquia dos Habsburgos. [...] Subjetivamente, a história pode ser lida como a luta do eu dividido de Kafka, no qual Wese, a vítima do assassinato, representa o burocrata classe média socialmente adaptado, cuja esposa o espera em casa quando ele deixa o escritório, e Schmar o outsider social, anarquista, que “elimina” seu alter ego conformista.* (Carone, 2011, p. 134, grifos nossos)

O comentário feito acima por Carone é um exemplo do exercício que Schleiermacher propõe para a compreensão de qualquer texto. Inicialmente, há uma investigação para mapear referências culturais mais explícitas como, por exemplo, a alusão ao mito religioso de Abel e Caim nas entrelinhas do título “Um fratricídio”. Além disso, Modesto Carone busca níveis de interpretação e referências mais profundas, mapeando todo o contexto sócio-histórico da época em que Kafka viveu para, por fim, fechar o círculo hermenêutico

das possíveis interpretações desse conto buscando por aspectos pessoais do próprio autor, tendo sempre o texto como ponto de partida para qualquer interpretação.

De maneira geral, a tradução feita por Modesto Carone de “Um fratricídio” busca manter-se o mais próximo possível dos escritos originais para orientar um leitor interessado na profundidade da obra kafkiana, além de tentar ao máximo reproduzir o estilo labiríntico do autor para defender a ideia de que Franz Kafka é um dos maiores escritores do século XX.

Diferentemente de Modesto Carone, não foram encontrados estudos interpretativos ou comentários aprofundados sobre a tradução de Flávio Moreira da Costa acerca do conto de Kafka — o que pode ser justificado pelo caráter de fruição das antologias e por Costa não ser um estudioso especializado em Kafka. Ainda assim, o tradutor teceu um breve comentário sobre a obra em um prefácio para *Os 100 melhores contos de crime e mistério da Literatura Universal*:

A leitura de qualquer texto deste que é um dos três ou quatro maiores escritores do século XX pede uma disposição de leitura aberta, tal a sua riqueza e complexidade, embora sua linguagem nada tenha de “vanguarda” e seja na realidade simples. *Este Um Fratricídio, com seu ponto de partida bíblico, é um dos raríssimos textos de Kafka em que, mais do que o castigo, o crime é abordado: o crime de Caim e Abel revisitado.* (Costa, 2002, p. 190, grifos nossos)

A partir desse excerto é possível verificar que Flávio Moreira da Costa destaca apenas uma face das possibilidades interpretativas do conto, ressaltando a necessidade de uma leitura aberta das obras kafkianas e a raridade de “Um Fratricídio”.

Assim, ao realizar o mapeamento de aspectos biográficos e sócio-culturais de cada tradutor proposto por Schleiermacher, nota-se como esses pontos reverberam diretamente no trabalho tradutório. Além disso, esse exercício possibilita uma melhor compreensão do produto final de cada uma das versões, visto que algumas escolhas tornam-se justificáveis ao entender a composição total de cada tradutor.

Em outra perspectiva do estudioso, voltada para seus estudos sobre tradução, Schleiermacher (1813/2007) defende que o trabalho a ser realizado por um tradutor é o de aproximar, de alguma forma, o leitor e o autor de um texto, de modo que o leitor consiga compreender aquilo que o autor quis dizer sem necessariamente precisar lê-lo em uma língua estrangeira. Para o filósofo, há duas maneiras distintas de fazer essa aproximação, e, para ser bem-sucedido, o tradutor deve escolher se manter em apenas uma delas ao longo do texto todo: ou ele leva o leitor ao autor, ou leva o autor ao leitor.

Ao levar o leitor ao autor, o texto traduzido se mantém bem próximo do mundo e da realidade do autor, de modo que o leitor seja transportado para lá. Para isso, “o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da língua original, do qual o leitor carece. A mesma imagem, a mesma impressão que ele, com seu conhecimento da

língua original, alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores” (Schleiermacher, 1813/2007, p. 242). Nesse estilo de tradução, portanto, a intenção é traduzir o texto da mesma forma como o próprio autor o traduziria, caso falasse a língua do leitor.

Por outro lado, para levar o autor ao leitor, o tradutor procura representar o autor como se fosse uma pessoa que fala como os próprios falantes nativos da língua do leitor, e, para isso, “coloca-o diretamente no mundo dos leitores [...] e o faz semelhante a eles” (Schleiermacher, 1813/2007, p. 243). Assim, espera-se que o resultado final seja próximo de como o autor teria escrito o texto se o escrevesse originalmente na língua do leitor.

Em relação ao conto “Um fratricídio”, há alguns trechos das traduções de Costa e Carone que evidenciam que os dois tradutores utilizaram diferentes estratégias para fazer essa aproximação entre leitor e autor, como sugere Schleiermacher (1813/2007). Enquanto Schmar esfaqueia Wese, por exemplo, o assassino diz:

»Wese! Vergebens wartet Julia!« (Kafka, 1917/2007, p. 131)

“Wese! You will never see Julia again!” (Kafka, tradução de Muir, 1948, p. 169)

— Wese! Júlia o espera em vão! (Kafka, tradução de Carone, 1990, p. 50)

“Wese! Você nunca mais vai ver Júlia!” (Kafka, tradução de Costa, 2002, p. 191)

A tradução de Carone (Kafka, 1990) mostra-se bastante próxima do texto original em alemão (Kafka, 1917/2007). Há uma pequena mudança na ordem dos termos, mas isso se dá pelo próprio funcionamento sintático de ambas as línguas: em alemão, é comum colocar advérbios no início de uma frase, para que fiquem enfatizados, enquanto no português essa estrutura não é tão frequente, e advérbios de modo geralmente ficam depois do verbo. Fora isso, a ideia geral da frase se mantém, já que tanto a noção do verbo *warten* (esperar) quanto do advérbio *vergebens* (em vão) estão presentes nas duas versões do texto.

Já na tradução de Costa (Kafka, 2002), há algumas mudanças maiores em relação ao texto original. Nesse caso, não é mais Júlia que espera o marido em vão, mas há uma afirmação de que a própria vítima nunca mais verá sua esposa. Com isso, a ideia geral da frase fica bem mais direta, e o leitor consegue compreender mais facilmente que Wese morrerá. Ao comparar essa versão com a em inglês (Kafka, 1948), nota-se que elas são bem parecidas, com o sujeito sendo a própria vítima, representada por *you* (você), com a noção de *never again* (nunca mais) e com o verbo *see* (ver). Os Muir já haviam feito essa aproximação ao leitor, e Costa somente a manteve — seja por uma escolha consciente em relação ao texto em alemão ou por uma possível interferência do inglês.

Em outro momento do conto, pouco após Schmar esfaquear Wese, há o seguinte trecho:

Wasserratten, aufgeschlitzt, geben einen ähnlichen Laut von sich wie Wese. (Kafka, 1917/2007, p. 131)

Water rats, slit open, give out such a sound as came from Wese. (Kafka, tradução de Muir, 1948, p. 169)

Ratos d'água rasgados por uma lâmina emitem um som semelhante ao de Wese. (Kafka, tradução de Carone, 1990, p. 50)

Líquido jorrou, ferida aberta, originando o som emitindo [*sic*] por Wese. (Kafka, tradução de Costa, 2002, p. 191)

Na versão de Carone (Kafka, 1990), percebe-se que as traduções foram bem literais, e que a maior parte das ideias do texto original (Kafka, 1917/2007) foi preservada: os *wasserratten* (ratos d'água), os verbos *aufschlitzen* (cortar, rasgar) e *geben* (dar, emitir), o adjetivo *ähnlich* (parecido) e o substantivo *Laut* (som). Logo, o tradutor procurou levar o leitor ao autor, mantendo todos elementos e ideias do mundo do autor, mesmo que não façam parte da realidade do leitor.

De outra forma, na de Costa (Kafka, 2002), nem todos elementos foram conservados. No texto original, são os ratos d'água que fazem a ação de produzir um som parecido ao de Wese, enquanto na de Costa, o som não tem um sujeito específico, ele apenas é emitido. Ao mesmo tempo, esses ratos d'água que emitiam o som foram substituídos pela ideia de sangue, representada pela imagem do líquido jorrando. É possível que essa mudança tenha ocorrido para eliminar a presença dos ratos d'água, um termo não muito utilizado no Brasil, que poderia causar algum estranhamento para o leitor brasileiro.

Nesse caso, diferente do trecho analisado anteriormente, não há uma relação tão explícita entre a tradução de Costa (Kafka, 2002) e a dos Muir (Kafka, 1948), já que, na versão em inglês, também são os ratos d'água (*water rats*) que emitem (*give out*) o som (*sound*) parecido com o de Wese. Então, tem-se que foi o próprio tradutor brasileiro que tomou a decisão de fazer essas mudanças para aproximar o texto ainda mais da realidade do leitor, o que pode levar a uma facilitação da leitura.

Portanto, na análise das traduções desses dois trechos do conto, observa-se que, em geral, a tradução de Carone busca levar o leitor ao autor, mantendo-se mais literal em relação ao texto original em alemão. Em contrapartida, a de Costa faz justamente o oposto e alcança o efeito de levar o autor ao leitor e facilitar o entendimento da leitura, a partir de suas decisões de ora apresentar uma tradução próxima à feita pelos Muir, ora fazer outras mudanças próprias suas.

## ANÁLISE COM BASE EM PAUL RICOEUR

Em primeiro lugar, de acordo com a perspectiva acerca da tradução desenvolvida pelo filósofo francês Paul Ricoeur, é necessário ter em mente que, entre um texto original e a sua tradução, não existe uma espécie de “terceiro texto” que guarde uma espécie de significado absoluto daquilo. O ato de traduzir seria, então, a busca por uma “*equivalência* presumida não fundada numa *identidade* de sentido demonstrável” (Ricoeur, 2011, p. 47, grifos do autor). Assim, por ser uma tentativa de equivalência, mas sem uma identidade absoluta possível de ser alcançada, a tradução é sempre envolta em riscos, permeada pelo dilema entre fidelidade e traição. Nesse sentido, Ricoeur referencia a ideia de que traduzir é o trabalho de servir a dois mestres — “o estrangeiro em sua estrangeiridade, e o leitor em seu desejo de apropriação” (Ricoeur, 2011, p. 47) —, o que atribui a Franz Rosenzweig, e é também a noção de trazer o leitor para o autor e vice-versa, de Friedrich Schleiermacher, explorada anteriormente neste artigo. Por fim, recorrendo a uma leitura de conceitos freudianos, adiciona a perspectiva de que a tradução é, necessariamente, um trabalho de luto, pois é preciso renunciar o ideal de “tradução perfeita”, mesmo que esse seja muitas vezes o grande motivador do trabalho de tradução.

No entanto, a inexistência de um suposto sentido ideal do texto a ser replicado no ato de traduzir não significa que não seja possível criticar e comparar traduções. Na verdade, ainda segundo o autor, é exatamente por isso que “[a] única maneira de criticar uma tradução — o que se sempre pode fazer — é propor uma outra que se presume, que se pretende melhor ou diferente” (Ricoeur, 2011, p. 47.). Logo, para dar continuidade da análise, apresentamos as duas traduções em português do final de “Um fratricídio”, comparando-as também com o original em alemão e com a tradução em inglês dos Muir.

É no período final do conto que as duas traduções para o português divergem de forma mais radical. A seguir, é possível notar que a tradução de Carone (Kafka, 1990) e a de Costa (Kafka, 2002) apresentam não apenas diferenças em suas construções sintáticas e na escolha de palavras, mas exibem uma variação significativa de sentido quanto às ações retratadas, fazendo com que duas versões publicadas do conto no Brasil possuam finais diretamente contraditórios entre si.

Schmar, mit Mühe die letzte Übelkeit verbeißend, den Mund an die Schulter des Schutzmannes gedrückt, der leichtfüßig ihn davonführt. (Kafka, 1917/2007, p. 135)

Schmar, fighting down with difficulty the last of his nausea, pressed his mouth against the shoulder of the policeman who, stepping lightly, led him away. (Kafka, tradução de Muir, 1948, p. 170)

Schmar contém a custo a última náusea, a boca comprimida no ombro do guarda que o leva dali com passo ligeiro. (Kafka, tradução de Carone, 1990, p. 51)

Schmar, lutando com dificuldade contra sua própria náusea, pressionou a boca contra o ombro do agente de polícia que, se desviando levemente dele, deixou-o escapar. (Kafka, tradução de Costa, 2002, p. 191)

A figura do policial, do agente de polícia ou do guarda, que está presente em todos os quatro textos, é representada no texto em alemão por *Schutzmannes*. O termo *leichtfüßig* traz a ideia de “com pés leves” — *leicht* (leve) e *Fuß* (pé) —, e *davonführt* é um verbo conjugado que denota a ação de levar alguém embora, para longe ou para outro lugar. A palavra *ihn*, por sua vez, é o pronome masculino da terceira pessoa do singular do caso acusativo.

A tradução em inglês (Kafka, 1948) apresenta uma descrição similar dos acontecimentos em relação ao original. De início, faz-se uso da expressão *stepping lightly*, que pode ser traduzida de forma bastante direta como “pisando levemente” — *step* (pisar) no gerúndio e *light* (leve) na forma adverbial, com a adição da terminação *-ly* —, similar a *leichtfüßig*, em alemão. Em seguida, utiliza-se a construção *led him away*, que traz a ideia de levar alguém embora ou guiá-lo para outro lugar — *lead* (conduzir) flexionado no particípio e *away* (longe), sendo *him* o pronome masculino da terceira pessoa do singular na posição de objeto —, equivalendo-se à construção *ihn davonführt* no original. De tal forma, em ambos os casos, tem-se o assassino, Schmar, sendo levado pelo policial.

Na tradução de Modesto Carone (Kafka, 1990), há uma inversão na ordem da frase: primeiro, o policial — nesse caso, o guarda — leva o assassino para outro lugar, e, somente depois, a sua forma de andar é caracterizada. Ademais, percebe-se que Carone utiliza o adjetivo “ligeiro” para descrever o passo do guarda, não fazendo a equivalência talvez mais evidente a princípio entre *leicht* e *leve*, como os Muir fizeram entre os também cognatos *leicht* e *light*. No entanto, é preciso levar em consideração a polissemia da expressão *leichtfüßig*, que pode apresentar também uma ideia de agilidade, o que poderia ser a motivação da escolha. Logo, apesar de uma troca sintática mais significativa e da possibilidade de debater sobre as opções de vocabulário, a tradução de Carone ainda preserva a ideia de que Schmar, após o crime, foi levado pela polícia.

O mesmo não acontece na tradução de Costa (Kafka, 2002), cujo desfecho é inconsistente em relação às demais. Tem-se a figura do policial — aqui, agente de polícia —, mas, nesse caso, por motivo misterioso, ele permite que o assassino fuja. Assumindo a hipótese de que essa tradução teve influência da tradução em inglês, a possibilidade mais provável é que a mudança tenha se originado de um equívoco em relação ao significado de algumas construções na língua inglesa. O trecho *stepping lightly* teria se tornado “se desviando levemente”, considerando que, em inglês, o verbo *step* seguido da palavra *away* (longe), por exemplo, de fato poderia ser entendido como afastar de algo, o que, entretanto, não é o caso. Já o trecho final, *led him away*, presumidamente teria sido

traduzido de forma equivocada como a ação de deixar o assassino ir para outro lugar, em vez de a ação de guiá-lo para longe, como sugerem todas as outras versões do conto.

De tal maneira, leitores brasileiros podem se deparar com dois finais distintos para o conto de Kafka, a depender de qual das traduções estiverem lendo. Por isso, é impossível não pensar nas diferentes possibilidades de interpretação, imaginando-se um leitor que tenha contato com o conto por meio de apenas uma delas. Na tradução de Carone, assim como no texto original e na tradução em língua inglesa, o momento em que o assassino, Schmar, é levado pelo policial aparece como uma sucessão natural dos eventos anteriores, considerando que a personagem foi flagrada em público cometendo um grave crime. Na tradução de Costa, no entanto, o fato de Schmar ser aparentemente liberado pelo policial, sem algum tipo de explicação, apresenta-se como uma espécie de quebra de expectativa, a qual adiciona mais um ponto de mistério em uma narrativa já considerada enigmática — por que o agente de polícia teria permitido a fuga do assassino?

Retomando uma das chaves interpretativas apresentadas por Modesto Carone (2011) no prefácio de “Um fratricídio”, na qual encara o conto como representação de um conflito entre os lados “socialmente adaptado” e “*outsider* social” de Kafka, os possíveis sentidos a serem proporcionados pela narrativa mudariam significativamente ao se contrastar uma situação em que esse *outsider* é punido logo após cometer sua transgressão, e uma situação em que é permitido que ele escape. Contudo, uma dessas possibilidades não se sustenta quando colocada frente ao texto original e comparada com as outras traduções, o que traz à tona outra vez o clássico dilema entre fidelidade e traição. Se a tradução é uma equivalência presumida entre o que há no texto original e o que há no texto traduzido, no presente caso, tal equivalência não ocorreu de forma que seria considerada satisfatória — “Um fratricídio” de Flávio Moreira da Costa contradiz as demais versões veiculadas do conto.

Tem-se em mente que, apesar de utilizada neste trabalho como parâmetro de comparação, a tradução de Modesto Carone não se torna a tradução definitiva para o português do conto de Kafka, visto que a noção de uma única tradução ideal, como indicava Paul Ricoeur (2011), continua inalcançável, sendo sempre possível que diferentes escolhas sejam discutidas e que se proponham outras possibilidades. Porém, para além dos conceitos de Ricoeur, as ideias de Friedrich Schleiermacher (1813/2007) são aqui retomadas para ressaltar que a interpretação dos mais diversos textos é sempre condicionada por aquilo que compõe seu círculo hermenêutico. Ou seja: é um processo atravessado pelo que se sabe da situação social, histórica e cultural do autor e da produção da obra. De tal forma, uma leitura pode se tornar mais completa à medida que essas informações são investigadas, e é a realização desse movimento, ao buscar o ponto

de partida dos tradutores, que permite uma maior compreensão das divergências entre as duas traduções.

---

## REFERÊNCIAS

- ACCÁCIO, M. A.; HEIDERMAN, W. (2005). Modesto Carone. *In*: “DICIONÁRIO de Tradutores Literários no Brasil”. [S.l.]: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/ModestoCarone.htm>>. Acesso em 18 fev. 2024.
- CARONE, M. (2011). Prefácio de “Um fratricídio”. *In*: KAFKA, F. “Essencial Franz Kafka”. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, p. 135.
- DOSTOIÉVSKI, F. (2002). O Crime de Raskólnikov (de Crime e Castigo). Tradução de P. Bezerra. *In*: COSTA, F. M. (org.). “Os 100 melhores contos de crime e mistério da Literatura Universal”. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 82-90.
- FLÁVIO Moreira da Costa. (2020). *In*: “ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural”. [S.l.]: Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa640299/flavio-moreira-da-costa>>. Acesso em: 18 fev. 2024.
- GADAMER, H. G. (2003). “Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica”. 5. ed. Tradução de F. P. Meurer; revisão de E. P. Giachini & M. S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes.
- GRONDIN, J. (2012). Emergência de uma hermenêutica mais universal no século XIX. *In*: \_\_\_\_\_. “Hermenêutica”. Tradução de M. Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, p. 23-36.
- KAFKA, F. (1948). A Fratricide. Tradução de W. & E. Muir. *In*: \_\_\_\_\_. “The Penal Colony: Stories and Short Pieces”. New York: Schocken Books, p. 167-170.
- KAFKA, F. (1990). Um fratricídio. *In*: \_\_\_\_\_. “Um médico rural”. Tradução de M. Carone. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 49-51.
- KAFKA, F. (2002). Um fratricídio. Tradução de F. M. Costa. *In*: COSTA, F. M. (org.). “Os 100 melhores contos de crime e mistério da Literatura Universal”. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 190-191.
- KAFKA, F. (1917/2007). Ein Brudermord. *In*: \_\_\_\_\_. “Ein Landarzt: Kleine Erzählungen”. Project Gutenberg, p. 125-135.
- PINTO, M. C. (2019). Modesto Carone, tradutor que mudou o jeito como lemos Kafka, morre aos 82. “Folha de S. Paulo”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/modesto-carone-escritor-que-mudou-o-jeito-como-lemos-kafka-morre-aos-82.shtml>>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- RICOEUR, P. (2011). “Sobre a tradução”. Tradução de P. Lavalle. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- SCHLEIERMACHER, F. E. D. (1813/2007). Sobre os diferentes métodos de traduzir. Tradução de C. Braidá. *In*: “Princípios”. Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265.

TEIXEIRA, L. (2019). Escritor e antologista Flávio Moreira da Costa morre aos 77 anos. “Folha de S. Paulo”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/escritor-e-antologista-flavio-moreira-da-costa-morre-aos-77-anos.shtml>>. Acesso em: 11 jun. 2023.